

Ulysses diz que sistema vai para votação sem acordo

Governo procura jogar votação para próxima semana

ANDRÉ SINGER
Enviado especial a Brasília

Os setores do Congresso constituinte mais ligados ao governo tentavam ontem ganhar tempo e jogar a votação do sistema de governo e do mandato presidencial para a semana que vem. De fato, o plenário entrou ontem devagar no título quatro, com uma grande paralisação na questão da proporcionalidade das bancadas.

Com isso ainda está em aberto a data de votação do sistema de governo. A maioria das lideranças não acreditava que o capítulo do Poder Legislativo começado ontem e que precede a votação decisiva, fosse esgotado antes de quinta-feira. Com isso, restaria a alternativa de votar o sistema na sexta. Ulysses já convocou sessões para o fim-de-semana, mas precisa demonstrar grande decisão de votar a qualquer custo. Se não for assim, os setores mais ligados ao governo retirarão os seus do plenário na sexta, sábado e domingo e não haverá número.

Os governistas entendem que ainda há trabalho de corpo a corpo a ser feito junto aos parlamentares para garantir o presidencialismo e os cinco anos.

A hipótese de acordo sobre sistema de governo ficou ontem definitivamente sepultada. Além das declarações de Ulysses e da já conhecida disposição dos históricos do PMDB em disputarem no voto, um dos coordenadores do Centrão, o deputado Luis Eduardo Magalhães dizia ontem que preferia a "disputa de sistema de governo no voto porque os acordos só poderiam levar a fórmulas intermediárias", que ele considera impraticáveis.

O trabalho do governo junto aos parlamentares é necessário porque as posições não estão consolidadas. Outro deputado respeitado no Centrão, Luis Roberto Ponte, que veio até aqui apoiando os cinco anos e o presidencialismo, disse ontem que está em dúvida. "Estou deglutindo quer o sistema de governo quer o mandato do presidente", diz Ponte e acrescenta: "A cada dia que passa fica menor a capacidade de o governo se sustentar".

A primeira votação do título quatro não foi boa para os parlamentaristas. A rejeição do voto distrital e do voto distrital misto enfraquece o sistema parlamentarista. De qualquer forma, a batalha ainda não está decidida, e nem se sabe exatamente quando ela vai se dar.



Ulysses Guimarães desembarca na Base Aérea de Brasília

CLÓVIS ROSSI
Enviado especial a Brasília

O deputado Ulysses Guimarães, 71, presidente do PMDB, do Congresso constituinte e da Câmara dos Deputados, disse ontem à Folha que o sistema de governo a ser inscrito na Constituição será votado sem qualquer acordo prévio e sem que se possa fazer qualquer previsão a respeito do resultado.

As afirmações de Ulysses foram feitas a partir das 15h30, a bordo do Landau negro da presidência da Câmara, no percurso entre a Base Aérea de Brasília e o Congresso Nacional, seis horas e meia depois do café da manhã em que Ulysses e Sarney chegaram à conclusão de que qualquer proposta envolvendo uma combinação entre sistema de governo e mandato presidencial não obteria uma maioria sólida o suficiente para permitir o início de negociações.

"Vamos votar o sistema de governo primeiro. Definido este, volta-se a conversar, porque, aí, o número de combinações possíveis (entre sistema de governo e duração do mandato) terá diminuído", disse Ulysses.

O presidente da Constituinte disse, ainda, que o presidente Sarney voltou a garantir, ontem, que acatará a decisão da Constituinte, seja qual for, garantia que Ulysses contou ter ouvido, nos últimos dias, também de chefe militares com os quais conversou.

Ulysses levou ao presidente, para o café da manhã que compartilharam no Palácio da Alvorada, um balanço das propostas que circulavam no Congresso constituinte, mas garante que não se fixou em nenhuma delas, nem mesmo na de parlamentarismo com cinco anos de mandato para Sarney, a fórmula preferida em amplos setores do PMDB.

O presidente peemedebista considerou "excelente" a conversa, principalmente por ter verificado que Sarney mantinha a disposição, já evidenciada em conversa anterior, de pôr fim ao que o próprio Ulysses batizou "tiroteio verbal" entre o Planalto e a Constituinte. "O tom mudou", comentou Ulysses.

Pelo que a Folha apurou, entretanto, o tom não mudou o suficiente para que a conversa fosse cordial e avançasse em direção à qualquer tentativa de entendimento prévio à votação. Ao contrário: o próprio Ulysses descarta um acordo agora, embora diga que uma nova conversa com o presidente já tenha sido marcada para após a votação do sistema de governo.

O Ulysses Guimarães que rumava para o Congresso, após conversar com Sarney, no Alvorada, e com o governador Orestes Quéricia, em São Paulo, era um homem cheio de dúvidas, justamente ele que não costuma exibi-las a não ser aos mais íntimos. Quando o Landau negro deslizava pelo Eixo Monumental de Brasília, o presidente do PMDB chegou a trocar a posição de entrevistado para a de entrevistador, para perguntar: "E você, o que acha que vai dar?"

Outra dúvida: "Já vi listas de parlamentaristas, fui conferir pessoalmente com alguns nomes delas constantes e vi que eram presidencialistas. E já aconteceu também o contrário." Mais: "É difícil saber, entre os parlamentaristas, quais são parlamentaristas por convicção e quais querem apenas encurtar o mandato de Sarney." E, ainda: "Implantar o parlamentarismo com essa situação toda..." (não entrou em detalhes sobre a que "situação toda" se referia, mas é fácil adivinhar que se trata do cenário de crise geral do país).

Ulysses lamenta que "a conjuntura tenha se sobreposto ao estrutural" e lamenta mais ainda que se chegue à uma votação tão importante sem que haja qualquer segurança sobre o resultado. "Já houve outras votações assim, mas essa é fundamental. Fazer o quê? Fatos são fatos", divaga o presidente da Constituinte.

A única certeza aparentemente definitiva que Ulysses exhibe é a de que não pode tomar posição a respeito do sistema de governo, nem a favor do presidencialismo (sua posição histórica) nem a favor do parlamentarismo. Nem mesmo quando o repórter da Folha lhe diz que há um consenso na Constituinte de que a posição dele é decisiva para o resultado, afirmação reforçada com sinais positivos de cabeça pelo deputado Roberto Rollemberg (PMDB-SP), postado entre os dois no Landau, Ulysses deixa escapar qualquer definição. "Tenho que permanecer como árbitro, exatamente para poder negociar depois. Como poderia negociar se fosse parte e não árbitro?", limita-se a dizer.

Em todo o caso convém registrar que a viagem de Ulysses a São Paulo — marcada previamente e sem uma vinculação direta com a conversa de ontem com Sarney — serviu para que ele tentasse extrair de Quéricia a aceitação do parlamentarismo. Tentativa mal sucedida: Quéricia insistiu no presidencialismo e ainda engrossou o coro iniciado por Leonel

Brizola, presidente nacional e virtual candidato presidencial do PDT, em favor de um plebiscito, caso prevaleça o parlamentarismo.

Além do café da manhã, Ulysses e Sarney compartilharam também dúvidas a respeito da qualidade técnica das propostas a serem votadas pela Constituinte sobre o sistema de governo. Ulysses, por exemplo, acha que a emenda presidencialista, ao prever moção de censura individual a ministros, pode criar indesejada instabilidade. E Sarney queixou-se de jamais ter recebido, formalmente, qualquer proposta a respeito de uma eventual negociação, além de ter criticado outra vez a proposta parlamentarista de Egidio Ferreira Lima (PMDB-PE).

O presidente acha que a proposta é falha por não incluir o voto distrital e por dificultar a dissolução da Câmara, em caso de impasses políticos.

Sarney não demonstrou a Ulysses dúvidas quanto à vitória do presidencialismo e dos cinco anos, mas Ulysses está longe de compartilhar dessas certezas. Já na semana passada, ele havia dito ao prefeito de Jundiá (SP), André Benassi, que os quatro anos ganhariam, "salvo uma grande surpresa". E, ontem, disse à Folha que "o Richa e a Sandra estão muito confiantes", referindo-se ao senador José Richa (PMDB-PR) e à deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), comandantes do parlamentarismo.

Ulysses, entretanto, tampouco compartilha das certezas de Richa e Sandra: "Agora, é apertar o boé e ver o que o placar vai mostrar", diz, em tom de lamúria, quando o Landau negro estaciona à porta do Congresso.

Colaborou MAURO LOPES, coordenador de Política do Sursul de Brasília.

1 Votar o mais depressa possível o sistema de governo. Definido este, diminui o número de combinações entre sistema e mandato de Sarney. Se der presidencialismo, nem há mais o que discutir: é votar, de novo, entre quatro ou cinco anos. Se der parlamentarismo, além da duração do mandato, a combinação é entre este e a data de implantação do parlamentarismo.

2 Ficar neutro a respeito do sistema de governo. A neutralidade é essencial para uma futura negociação. Na opinião do senador José Fogaça (PMDB-RS), a simples neutralidade de quem sempre foi presidencialista já ajuda o parlamentarismo.

3 Ficar neutro, formalmente, também em relação ao mandato. Mas ninguém tem dúvida, em todos os partidos, de que Ulysses prefere a eleição em 88 à eleição em 89, se mantido o presidencialismo. Em 88, ele não tem concorrente visível no PMDB. Em 89, terá pelo menos Quéricia.

4 Votado o sistema de governo, Ulysses volta a Sarney para conversar sobre o mandato.

5 Até lá, neutralizar toda e qualquer hipótese de resistência às decisões da Constituinte, sejam quais forem.

6 Apressar o fim dos trabalhos, jogando com a hipótese de ser primeiro-ministro, se der parlamentarismo, ou candidato à Presidência, se der presidencialismo. Em qualquer caso, sua bandeira de campanha será a própria Constituição.